

## ALFABETIZAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO BÁSICO: REFLEXÕES ECOCRÍTICAS A PARTIR DE CORPOS BENZIDOS EM METAL PESADO

### AMBIENTAL LITERACY IN BASIC EDUCATION: ECOCRITICS REFLEXIONS THROUGH CORPOS BENZIDOS EM METAL PESADO

Adriano Carlos MOURA<sup>1</sup>  
Lazarus Ferreira Lessa SAMPAIO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo propõe uma leitura do texto literário sob perspectiva teórica ecocrítica baseada também no conceito de Antropoceno, termo cunhado pelo biólogo Eugene F. Stoemer e desenvolvido pelo químico Paul Crutzen. Objetiva refletir sobre a ação humana no planeta e os diferentes modos como afeta os seres humanos e não humanos. A obra utilizada para a análise é o livro de contos *Corpos benzidos em metal pesado* (2022) de Pedro Augusto Baía, cujas narrativas versam sobre personagens que vivem à margem de rios ou em áreas de exploração madeireira afetadas pelo desmatamento ou poluição das águas pela extração de minério. O texto resulta de uma pesquisa bibliográfica e aplicada, utilizando um questionário de avaliação qualitativa com alunos do primeiro ano do Ensino Médio, que fizeram a leitura de três contos do livro durante oficina de leitura do texto literário com abordagem ecocrítica. Assim como a Ecocrítica, os estudos do Antropoceno, por meio da literatura, permitem que essa área de conhecimento contribua para uma mudança de mentalidade dos corpos discente e docente quanto ao seu papel na preservação da vida dos seres humanos e não humanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Antropoceno. Ecocrítica. Literatura de Língua Portuguesa.

**ABSTRACT:** This article proposes a reading of the literary text from an ecocritical theoretical perspective also based on the concept of Anthropocene, a term coined by the biologist Eugene F. Stoemer and developed by the chemist Paul Crutzen. It aims to reflect on human action on the planet and the different ways it affects human and non-human beings. The work used for the analysis is the book of short stories *Corpos benzidos em metal pesada* (2022) by Pedro Augusto Baía, whose narratives deal with characters who live on the banks of rivers or in logging areas affected by deforestation or water pollution by ore extraction. The text is the result of bibliographic and applied research, using a qualitative evaluation questionnaire with students of the first year of High School, who read three short stories from the book during a workshop to read the literary text with an ecocritical approach. Like Ecocriticism, the studies of the Anthropocene, through literature, allow this area of knowledge to contribute to a change in the mentality of the student and faculty bodies regarding their role in preserving the lives of human and non-human beings.

**KEYWORDS:** Anthropocene. Ecocriticism. Portuguese Language Literature.

1. Doutor em Estudos Literários (UFJF). Professor de Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa do IFFluminense. E-mail: adriano.moura@iffl.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1472-6964>.

2. Licenciando em Letras – Português e suas Literaturas pelo Instituto Federal Fluminense Campus Campos Centro. E-mail: lazarusflsampaio@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-9842-0866>.

## Introdução

Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa PIBIC, realizado no Instituto Federal Fluminense, com o objetivo de investigar a pertinência da literatura para o desenvolvimento de uma conscientização ambiental em alunos da Educação Básica através da leitura de contos cuja temática se volte para o impacto da ação humana sobre o meio ambiente, entendido não somente como o espaço composto predominantemente por vegetais, animais não humanos, rios e mares, mas todo espaço habitado ou não. Metodologicamente, a análise resulta de investigação de procedimento bibliográfico e de natureza aplicada, ancorada teoricamente nos conceitos de Ecocrítica e Antropoceno.

O caráter interdisciplinar da literatura permite diálogos com diversas áreas do conhecimento, como antropologia, psicologia e ecologia. Os textos literários, com o passar dos anos, têm se voltado cada vez mais para o social, seja dando voz para minorias ou denunciando desigualdades. Ecocrítica é um campo dos Estudos Literários que amplia esse escopo, permitindo um estudo dos textos literários com enfoque na relação entre seres humanos e não humanos, desfazendo as hierarquias que historicamente dissociam o humano da natureza, como se dela não fizesse parte, com o direito de exploração de seus recursos à exaustão. Através da alteridade possível por meio da literatura, pode-se discutir a relação da humanidade com o planeta Terra e sua ação no meio ambiente, na era do Antropoceno, marcada pelas mudanças geológicas resultantes da ação humana.

A Ecocrítica atua justamente confrontando as dicotomias: sociedade e natureza, humano e não-humano. Como afirma Cheryll Glotfelty (1996), ao contrário da teoria literária que, em geral, examina a relação do texto com a sociedade, a ecocrítica expande a noção de sociedade ao incluir toda a ecosfera (Glotfelty; Fromm, 1996). A partir desse olhar, é possível repensar questões relativas às formas como se habita o planeta por meio da literatura. Foram utilizados como *corpus* ficcional os contos “Carne de Boi”, “Homem de Alumínio” e “Tanimbuca”, presentes na obra *Corpos Benzidos em Metal Pesado* (2022), de Pedro Augusto Baía.

Primeiramente foi realizada uma pesquisa bibliográfica a fim de levantar um *corpus* teórico e ficcional que abordasse os problemas que envolvessem as relações entre os seres não humanos e humanos, considerando os impactos das ações destes sobre a natureza nos tempos que sucedem a Revolução Industrial. Em seguida, elaborou-se uma sequência didática a fim de desenvolver atividade de leitura e interpretação com alunos do Ensino Médio com o intuito de verificar até que ponto o estudo do texto literário, conduzido de modo interdisciplinar, com foco nos problemas do antropoceno, seria capaz de despertar uma consciência ecológica de preservação ambiental.

## Percursos teóricos

Segundo a Geologia, a humanidade estaria vivendo a era do Holoceno, época do período quaternário da era Cenozoica, iniciado há mais ou menos onze mil anos. É marcado pelas ações humanas como o desenvolvimento das civilizações, de tecnologias, agricultura, exploração de recursos naturais, além de uma série de mudanças climáticas e extinção de diferentes espécies animais e vegetais. Antropoceno é um conceito bastante novo, definido em termos gerais como uma era geológica configurada pelos impactos da ação humana sobre o planeta e seria sucessor do Holoceno, porém apresentando um cenário no qual a destruição ambiental atingiu patamares a ponto de comprometer a existência.

Segundo Christian Dunker (2022), “é um conceito associado com a invenção da máquina a vapor por James Watt, em 1764, referindo-se, conforme critério adotado, às alterações climáticas e atmosféricas produzidas pela ação do ser humano.” (Dunker, 2022, p. 59). Sua conceituação ainda não é consensual no meio científico, havendo os que preferem, por exemplo, chamar o momento atual de Capitaloceno, visto que “há uma limitação das decisões de poder a uma parcela pequena da humanidade e que essas decisões impactam não apenas o planeta como a maioria da espécie excluída dessas deliberações” (Verunschik, 2022, p. 77). Nessa perspectiva, é a exploração capitalista da natureza centrada no lucro desenfreado o provocador das mudanças pelas quais o planeta está passando em termos ambientais.

Malcolm Ferdinand, em *Ecologia Decolonial* (2022), propõe uma nova perspectiva sobre o Antropoceno ao repensar as maneiras de habitar a Terra, considerando a questão colonial e resgatando o termo Plantationceno, inicialmente proposto por Anna Tsing e Donna Haraway. Esse conceito expõe como o habitar colonial moldou o desenvolvimento do planeta (Ferdinand, 2022). Assim como o Capitaloceno, popularizado por Haraway, que coloca em evidência a exploração capitalista da Terra, o Plantationceno e o Negroceno tornam inseparáveis a relação entre exploração racial, colonial e as mudanças climáticas.

A partir da Ecocrítica, pode-se refletir sobre o espaço e o texto de modo a dar voz ao território e culturas de povos originários e minorias étnicas que são explorados. Cheryll Glotfelty (1996) expõe como certas características de uma paisagem podem ajudar pessoas a lembrarem e contarem suas histórias e, também, manter sua identidade cultural, longe de uma ideia de natureza como *locus amoenus* conforme configuravam os escritores românticos e árcades, mas um *locus litterarum*<sup>3</sup> onde o espaço físico tem papel ativo em revelar a identidade de quem conta ou escreve sobre o local.

É na distância entre humanidade e a natureza que se aprofunda a crise do Antropoceno. Os humanos se enxergam como superiores hierarquicamente a rios, animais e florestas legitimando sua espécie no papel de moldar o planeta Terra, como afirma José Eli da Veiga:

---

3. Em oposição ao termo *locus amoenus*, utilizado pelos românticos, ao pensar um *locus litterarum*, isto é, um lugar das letras, trazemos à tona a materialidade do espaço físico para o texto literário. Determinada paisagem ou espécie pode servir como demarcação da cultura de um povo e de suas histórias, sem a noção romântica, mas sob um aspecto histórico.

A narrativa do Antropoceno retrata a humanidade como uma espécie ascendendo ao poder sobre o resto do Sistema Terra [...], mas a *economia fóssil* não foi criada, nem é mantida, pela humanidade em geral. A presente intervenção questiona o uso da categoria ‘espécie’ na narrativa do Antropoceno e argumenta que é analiticamente errada [...]. *Desigualdades intraespécies* são parte medular da crise ecológica atual e não podem ser ignoradas na tentativa de entendê-la (Veiga, 2024, 94-95).

A literatura, através da alteridade, possibilita a compreensão da experiência interespecie, num exercício de compreensão mútua que permite a reparação de conflitos éticos (Vieira Junior, 2022). Com a Ecocrítica e a leitura dos textos literários é possível desconstruir uma visão de mundo menos humano-centrada.

Na obra organizada por Fabiane Secches, *Depois do fim: conversas sobre literatura e Antropoceno* (2022), Paulo Scott propõe como a linguagem e, especialmente, a linguagem desenvolvida pela literatura pode ser capaz de propor soluções para os problemas do mundo. A literatura, voltada cada vez mais para o social, aliada aos estudos do Antropoceno e Ecocrítica pode ser utilizada como instrumento de conscientização ao retratar através do texto literário os impactos da ação humana no planeta Terra.

A Ecocrítica nasce no fim da década de 1980, contemporânea aos estudos do Antropoceno, na compreensão de uma Terra abalada pelos impactos humanos e por uma separação cada vez mais evidente entre humano e não-humano. Como afirma Antônio Bispo dos Santos (2023), o pertencimento se dá pela relação com o ambiente, dissociada de uma divisão entre plantas e animais. Segundo Bispo, somos compartilhantes ao termos uma relação de pertencimento com o ambiente ao nosso entorno, e a falta desse pertencimento nos torna meros moradores, apenas utilizando o espaço.

Pensar um Antropoceno aliado ao olhar ecocrítico é subverter o pensamento ecológico e social tradicional. Ursula K. Heise (2017) afirma como o conceito de Antropoceno é capaz de tornar a humanidade atenta para as transformações e debates econômicos e ecológicos, bem como pensar em que tipo de ambientalismo devemos ter como objetivo. A descentralização de uma abordagem ambientalista, dispensando o especismo nas relações humano e não-humano é uma das principais questões dos debates sobre o Antropoceno. As relações econômicas e sociais são indissociáveis da questão ambiental numa era antropocêntrica na qual as ações que tomamos acerca do espaço natural atingem todo o globo.

A falta de diálogo, como propõe Malcolm Ferdinand (2022), na abordagem ambientalista do Antropoceno, acaba por reproduzir um habitar colonial e exploratório do mundo. A ausência de alianças entre os movimentos sociais e intelectuais alimenta o fogo que devora o planeta.

O diálogo se torna possível na interdisciplinaridade da Ecocrítica como atesta Glotfelty (1996) ao refletir as diferentes formas possíveis de como representar a natureza, seja através de um poema, romance ou conto e que tipos de valores ecológicos podem ser discutidos por meio desses textos.

## Uma leitura ecocrítica de *Corpos benzidos em metal pesado*

*Corpos benzidos em metal pesado* é um livro de contos de Pedro Augusto Baía, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura de 2022. Baía, nascido em Abaetetuba no Pará, consegue através do seu texto expor os cenários que circundam o seu entorno, seja denunciando os impactos ambientais, seja colocando em evidência as violações dos direitos humanos presentes no Brasil. Por meio de seus contos, o autor ficcionaliza as condições de vida de populações ribeirinhas e seu modo de se relacionar com os seres não humanos do ambiente que habitam.

Os contos possuem como eixo central a questão ambiental, a exploração do espaço e como a relação com esse espaço explorado interfere na vida das personagens. A relação humano e não-humano é trazida à tona por diversas vezes ao longo da obra. No conto “Tanimbuca”, o autor personifica uma motosserra, ao passo que expõe também as condições da exploração ilegal de madeira e o modo de vida que permeiam os que subsistem das atividades ilegais:

[...] das minhas leituras contei somente para Iaci, que também quis saber como eu aprendi a ler, coitada, ficou descrente quando eu disse que foi promessa de minha mãe, pariu doze e não ia morrer sem ver o filho caçula assinar o nome, fez todas as travessias de canoa, remando mais de vinte quilômetros para me levar até a escola, ida e volta, cumprindo a promessa às escondidas do meu pai, enquanto ele não voltava do garimpo para me buscar, e quando voltou, foi mesmo só eu quem ele encontrou, a minha mãe não tinha mais alma no corpo, encolhida na rede, adoecida de mercúrio no sangue (Baía, 2022, p. 13-14).

Por meio da motosserra Iaci, pode-se compreender melhor a personagem principal e o impacto da poluição ambiental na vida e no espaço construído pelo conto no contexto da extração de madeira, principalmente do garimpo e como esse contato com os metais pesados afeta a vida de quem mora nessa região. A partir de uma inferência é possível perceber que a própria Iaci é fruto dessa consequência da interação com os metais pesados, sendo uma alucinação (ou não) da personagem que delira:

cortar

cortar

cortar

a palavra vem solta, pesada, derruba os meus pensamentos, explode minha cabeça, fruta apodrecida caída do meu corpo adoecido, essa carcaça invadida pela febre insistente de três dias (Baía, 2022, p. 11).

A obra de Pedro Augusto Baía discorre sobre a relação dos metais pesados na vida dos personagens apresentados nos seus contos, assim como a relação com os rios, sendo uma marca constante em seu texto. O narrador do conto deixa claro ao leitor que não só ele, mas outros membros da família sofrem no corpo os efeitos do desmatamento e poluição dos rios, quando diz que seu pai “saiu do garimpo para ir derrubar ipê, o mercúrio foi dentro dele” (Baía, 2022, 14). Personagem e a motosserra Iaci testemunham ações que tornam coerente a conceituação da era atual como Antropoceno. A extração desenfreada de madeira e minério provocam a morte

de florestas e rios afetando de forma mais direta as populações pobres que, muitas vezes, dependem economicamente dessas atividades em áreas dominadas por grandes complexos empresariais e pelo garimpo ilegal. Entretanto a humanidade como um todo sofre também os efeitos com o aumento acelerado da temperatura do planeta.

O autor ao personificar e tornar uma motosserra parte central da narrativa subverte a literatura comumente humano-centrada. Trazendo à baila conceitos pertinentes para a Eco-crítica, Manes (1996) trata desse “animismo” e como ele é aceito em certas esferas da nossa sociedade dependendo de quem o reproduz, por exemplo, como um adulto gritando para seus eletrodomésticos quando não funcionam normalmente. Isso é tratado de forma completamente diferente quando povos originários e tradicionais conversam com os rios, animais e a floresta.

A questão ambiental e, principalmente, da exploração capitalista do território é eixo central para a discussão do conto. A personagem principal carrega as mazelas desse extrativismo predatório em seu berço familiar, sendo um dos únicos da família com acesso à leitura graças a sua mãe. Como argumenta Ferdinand (2022), as destruições ambientais não atingem todos da mesma maneira e sequer apagam as destruições sociais e políticas já em curso. Nesse contexto da obra, temos um claro exemplo de racismo ambiental, isto é, quando uma população mais vulnerável não consegue se defender do impacto ambiental sofrido na sua região em comparação a uma população com acesso a recursos e privilegiada.

Em “Homem de Alumínio”, o narrador trabalha numa fábrica que tem poluído o rio e a floresta. Sua relação com a descrença das causas ambientais e seu relacionamento são temas centrais do conto, sendo traçados paralelos entre a contaminação do meio-ambiente e seu namoro com a personagem Fernanda:

Mas sei que a Fernanda não consegue me manter bloqueado por muito tempo. Então eu encaminhei a ela o vídeo da explosão na fábrica: a fumaça branca, mais densa que uma neblina, encobrendo as casas ao redor do polo industrial, os vultos dos moradores saindo de suas casas, alguns queixavam-se de falta de ar, outros arregalaram os olhos avermelhados. (Baía, 2022, p. 74).

A personagem no conto utiliza os desastres ambientais causados pela fábrica como pretexto para se reaproximar da ex-namorada, ainda que negue os efeitos das fumaças tóxicas advindas da fábrica na vida dos moradores. Assim como as consequências da contaminação por alumínio em seu corpo, há uma distância entre Fernanda e o ex-namorado, aprofundada cada vez mais pela separação que a personagem faz dos desastres ambientais com a ação humana, isto é, da exploração dos recursos naturais feita pela fábrica. Há um contraponto entre o negacionismo do narrador e a posição de sua namorada, que tenta alertá-lo sobre os riscos de contaminação: “a Fernanda vai me encher de perguntas sobre a explosão, se eu já fiz exames, se estou usando adequadamente as máscaras cirúrgicas. Não, nem quero usar, não vou compactuar com essa paranoia.” (Baía, 2022, p. 75).

Podemos extrair através do texto discussões acerca do machismo, negacionismo ambiental e o papel do capitalismo. Ferdinand (2022) em seu livro *Uma Ecologia Decolonial* alerta para a compreensão de que o termo Antropoceno carrega a ideia de *ánthropos* e centra essa era geológica em que vivemos num homem, normalmente branco, eximindo assim a culpa das grandes indústrias que engolem cada vez mais o que resta da terra. Fernanda é ignorada duplamente nesse contexto, primeiro por ser uma voz dissonante em meio ao sistema capitalista e, principalmente, por ser uma mulher.

O conto expõe uma das faces mais obscuras da exploração capitalista da natureza que, conforme foi comentado sobre o conto “Tanimbuca”, vitimiza principalmente a população mais pobre. No caso de “Homem de alumínio”, um acidente na fábrica onde o protagonista trabalha provoca danos a humanos e não humanos. Não é forçoso relacionar o acontecimento ficcional com crimes ambientais da história recente do Brasil, como o rompimento de barreiras nas cidades mineiras de Brumadinho e Mariana, comprometendo a vida de rios e pessoas das proximidades das mineradoras.

Não é somente a relação entre humanos, vegetais e minerais o foco dos contos de *Corpos benzidos em metais pesados*. O especismo presente em nossa sociedade é abordado pelo autor no conto “Carne de boi”, sob o olhar sensível de duas crianças, Arú e Maria, que optam por salvar um animal comumente visto apenas como alimento, um boi preso no rio, depois que uma balsa com carregamento bovino vira, provocando a mortandade de muitos animais e a poluição do rio devido ao apodrecimento dos corpos na água e margem. O autor consegue ao mesmo tempo repensar a relação interespecie e com o espaço físico para os ribeirinhos: “Arú entrou na água e enlaçou o animal. Depois começou a puxá-lo até a ponte de madeira. Da canoa, Maria observava a cena. Arú parecia outro animal, socorrendo um irmão.” (Baía, 2022, 100).

Em *Depois do fim: Conversas Sobre Literatura e Antropoceno* (2022), Vieira Junior expõe como a literatura pode nos fazer vislumbrar um mundo animal, ou melhor, dos seres sencientes através do exercício da alteridade, fugindo de uma representação fabular desses animais e trabalhando a relação interespecie de forma a nos percebermos próximos desses animais ditos selvagens.

Arú e Maria se veem no boi preso, entendem sua condição em meio a esse rio poluído, mesmo rio que ceifou a vida dos avós. Os mesmos avós que lhe contavam histórias sobre o lugar onde habitam: “A avó Ismerina sabia todas as histórias que ele trouxera das viagens pelo Amazonas, Tapajós e Xingu” (Baía, 2022, 96). O resgate dessa memória sobre um determinado território é essencial para pensarmos a ótica ecocrítica, livre de um *locus amoenus*, sendo uma parte da identidade das personagens presentes no conto. O rio que na memória dos personagens e seus antepassados era fonte de vida se apresenta como um cemitério de animais.

Depois de colocarem o boi num local seguro, Arú e Maria se preocupam com o destino que ele teria se fosse encontrado, visto que devido ao acidente com a balsa, o consumo de carne se intensificara, mesmo advinda de animais cujo estado de deterioração já estava avançado. Os dois pensavam como seria o destino daquele bicho que tinha conseguido sobreviver. Em casa,

durante o jantar, não conseguem comer a carne servida pela mãe, demonstrando que alguma coisa havia mudado no modo como entendiam a vida animal: “O que vai acontecer com o boi, Maria?’ ‘Eu não sei. O coitado estava triste...’ ‘O vovô dizia que no mato tudo fica encantado’ ‘Acho que animal triste não fica encantado...’ Arú se calou, os olhos sobre o rio. ‘Foi ele que encantou a gente’, a irmã disse.” (Baía, 2022, 102).

### **Oficina de leitura do texto literário sob perspectiva ecocrítica**

Por meio da teoria ecocrítica e investigações sobre o Antropoceno, é possível pensar numa abordagem pedagógica para alunos do primeiro ano do Ensino Médio através da obra *Corpos benzidos em metal pesado*, devido à curta extensão dos contos presentes, suas temáticas e o diálogo com as teorias apresentadas pelas discussões. Obras literárias possuem caráter inter e transdisciplinar, sendo possível promover discussões não apenas sobre o meio-ambiente, mas também de gênero, desigualdade social e negacionismo, pautas pouco levantadas em salas de aula.

Na escola estadual C.E. João Pessoa, foi aplicada uma oficina para uma turma de Ensino Médio Normal, voltada para formação de professores. Foi feita uma leitura interacional dos contos e após o debate, a aplicação de um questionário sobre o tema. A oficina foi feita com o auxílio da professora regente da turma, de modo a ajudar os alunos com problemas de interpretação ou leitura. Num primeiro momento, a atividade se ateve à exposição do gênero narrativo conto, exemplificando sua estrutura de modo a fazer os alunos compreenderem as características do gênero, contemplando, deste modo, parte do conteúdo que consta no currículo regular do Ensino Médio. Em seguida foi realizada uma leitura coletiva dos textos na seguinte ordem: “Tanimbuca”, “Carne de boi” e “Homem de Alumínio”. Após a leitura de cada conto foram feitas pausas para discussões sobre o texto e as percepções dos alunos sobre o que cada conto representava, aludindo aos conceitos teóricos e formando novos olhares sobre a obra. Como afirma William Rueckert (1996), na literatura, toda energia vem da imaginação criativa e não necessariamente da linguagem, sendo ela apenas um dos muitos veículos de armazenamento de criatividade. É na discussão sobre esse impacto que a literatura causa em cada aluno que se pode renovar essa energia criativa.

Dos três contos lidos e discutidos, houve certa predileção pelo conto “Homem de Alumínio”, principalmente por abarcar também questões de gênero, visto que era uma turma de maioria feminina. Destacou-se de imediato ao final da leitura por uma das alunas o quão tóxica era a relação das personagens do conto. Embora o enfoque da oficina tenha sido a questão ambiental, foi possível perceber o caráter interdisciplinar possível por meio de uma leitura e discussão alicerçada na Ecocrítica. O conto “Carne de boi” provocou um debate sobre o especismo. Uma das alunas ressaltou o fato de Aru e sua irmã não comerem carne: “[...] se os irmãos não tivessem salvado o boi eles teriam ficado com peso na consciência de comer carne.”

A compreensão da era em que vivemos, isto é, do Antropoceno, foi bem entendida pelos alunos após a leitura de “Tanimbuca”, ao traçarmos paralelo com as queimadas da Amazônia que aconteciam à época. A noção de personificação do que seria “não-humano” por meio da moto-serra Iaci foi visualizada de imediato após a leitura do conto com a pergunta “Quem seria Iaci?”

Ao fim, os alunos responderam um questionário com questões objetivas e abertas com as seguintes perguntas: 1) Quais são as partes típicas da estrutura de um conto?; 2) Qual a principal característica de um conto?; 3) Em que momento ocorre o clímax do conto “Carne de boi” de Pedro Augusto Baía?; 4) Que relação se pode estabelecer entre a fala de Maria sobre o avô “O rio transformou o vovô em peixe” e a situação do rio?; 5) Sabemos que no texto literário, às vezes, a natureza é retratada como um simples pano de fundo para a história. No conto “Carne de boi” isso é abordado de forma diferente, como vemos no trecho: “O vovô dizia que no mato tudo fica encantado.” Partindo dessa ideia, de que forma a natureza é representada no conto lido? 6) A história te despertou de alguma forma a olhar para o meio ambiente de um jeito diferente? Justifique e 7) Como as personagens interagem com o meio ambiente no conto?

Partindo de uma análise qualitativa, ao observar as respostas dos alunos acerca da compreensão do conto como gênero textual literário e da relação do enredo com a questão ambiental, os resultados, em geral foram satisfatórios. A turma, composta por adolescentes, demonstrou interesse pela discussão. O objetivo de tornar os alunos conscientes da representação da natureza no texto literário foi atingido com competência pelos alunos. A aluna T na questão cinco referente ao questionário respondeu: “É retratada de modo ativo e místico, sendo essencial na narrativa, trazendo mais significado à narrativa”. Assim como na questão seis, a aluna reflete como essas leituras a fizeram ver o meio ambiente com outro olhar através do texto: “Sim, as pessoas quase sempre veem o ambiente como se não tivéssemos que cuidar e zelar por aquilo, como se nunca fosse acabar, sendo assim o ser humano só vem acabando com a natureza.”

O entendimento da relação humano e não-humano foi atingido pelos discentes, como expõe a aluna M na questão sete: “De uma forma comovente, buscando enxergar além e ter um verdadeiro amor e cuidado com os animais, a natureza e tudo que nela há.”, a compreensão de metáforas do texto também se fez possível, como visto na resposta da aluna na questão quatro: “Pelo fato dos peixes estarem morrendo, devido a água do rio e seu avô ter o costume de andar ali à canoa, a menina faz uma relação da morte de seu avô e dos peixes com a água do rio, assim é como se os dois tivessem morrido pelo mesmo motivo.”. Pela interpretação da aluna, pode-se perceber como a literatura é capaz de conscientizar e denunciar o impacto da ação humana na natureza e como esta o afeta, visto que dela também faz parte.

Houve relativo consenso dos alunos quanto à representação da natureza nos contos e como ela se encontra cada vez pior em relação ao passado e como a literatura pode servir para provocar a reflexão sobre o tema.

Ao fim da atividade, a professora regente destacou a importância da oficina realizada e demonstrou interesse tanto pela obra quanto pela abordagem realizada da relação meio ambien-

te-literatura, sendo possível pensar novas abordagens pedagógicas e teóricas a partir de noções como Antropoceno e ecocrítica.

## Considerações finais

Este artigo, por meio da leitura do livro *Corpos Benzidos em Metal Pesado* de Pedro Augusto Baía e dos conceitos de Antropoceno e Ecocrítica, pretendeu contribuir com reflexões sobre a exploração ambiental, suas representações no texto literário e a possibilidade da abordagem do ensino de leitura da literatura sob perspectiva ecocrítica. Por meio da oficina aplicada e pela análise qualitativa dos dados, constatou-se uma compreensão de como a literatura pode refletir para a conscientização ambiental.

Ao fim, tendo como base os conceitos de Antropoceno e Ecocrítica, bem como todo o contexto de impacto da ação humana no meio ambiente, fez-se possível unir o caráter bibliográfico da pesquisa junto à aplicabilidade da oficina de conscientização ambiental através da leitura e discussão dos contos. Mostrou-se positivo o impacto do texto literário na formação de um pensamento crítico em relação ao meio ambiente.

Mesmo não sendo consenso no meio científico, Antropoceno é um conceito que permite reflexões sobre como a ação humana tem afetado de modo desequilibrado o desenvolvimento natural. Na ficção da obra usada como corpus literário para este artigo, seres humanos trazem em seu corpo doenças decorrentes de desastres e crimes ambientais resultantes da ganância que visa o lucro em detrimento da vida. A Literatura no ambiente escolar não pode ser considerada somente uma linguagem, mas também área de conhecimento capaz de contribuir para mudanças necessárias de comportamento humano, para que o Antropoceno deixe de ser, conforme se anuncia, uma era de destruição.

## Referências

- BAÍA, P. *Corpos benzidos em metal pesado*. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- BISPO, A. S. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.
- DUNKER, C. Estrangeiros em nossa própria morada. In: SECCHES, Fabiane. *Depois do fim: conversas sobre literatura e Antropoceno*. São Paulo: Editora Instante, 2022.
- FERDINAND, M. *Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- FROMM, H.; GLOTFELTY, C. *The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology*. [S. l.]: Athens, Ga. Univ. of Georgia Press, 1996.
- HEISE, U. The Anthropocene and the Challenge of Cultural Difference. In: SCHAUMANN, C.; SULLIVAN, H. I. *German ecocriticism in Anthropocene (Literatures, Cultures and the Environment)*. [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2017.

RUECKERT, W. Literature and Ecology: an experiment in Ecocriticism. *In: FROMM, H.; GLOTFELTY, C. The ecocriticism reader: landmarks in literary ecology.* [S. l.]: Athens, Ga. Univ. of Georgia Press, 1996.

SCHAUMANN, C.; SULLIVAN, H. I. *German ecocriticism in Anthropocene (Literatures, Cultures and the Environment).* [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2017.

VEIGA, J. E. *O antropoceno e as humanidades.* São Paulo: Editora 34, 2023.

VERUNSCHK, M. A queda do céu. *In: SECCHES, Fabiane. Depois do fim: conversas sobre literatura e Antropoceno.* São Paulo: Editora Instante, 2022.

VIEIRA JUNIOR, I. Notas sobre a equidade. *In: SECCHES, Fabiane. Depois do fim: conversas sobre literatura e Antropoceno.* São Paulo: Editora Instante, 2022.